

Luis Fernando Verissimo

Ironias do tempo

ORGANIZAÇÃO
Isabel e Adriana Falcão



Copyright © 2018 by Luis Fernando Verissimo
Copyright © 2018 by Adriana Falcão e Isabel Falcão

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e lettering
Joana Figueiredo

Ilustrações de capa
Luiz Fernando Verissimo

Revisão
Isabel Cury
Clara Diamant
Huendel Viana

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo, Luis Fernando
Ironias do tempo / Luis Fernando Verissimo ; orga-
nização Adriana Falcão e Isabel Falcão. – 1ª ed. – Rio de
Janeiro : Objetiva, 2018.

ISBN 978-85-470-0073-8

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

18-19792

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.8

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Sumário

<i>Apresentação</i> — Adriana Falcão e Isabel Falcão	9
Entrega em domicílio	13
Natal	15
Técnicos e lâminas	19
Grampos	21
O encontro	25
A rainha louca	30
Destino	34
Para sempre	38
O último Bragança e o primeiro Silva	40
A pureza e o poder	42
Esdruxulices	44
Alfabeto	46
Outro assunto	49
Sem título	51
Grande irmão	56
A mágica do rádio	58
Me liga	60

“Zeitgeist”	64
Padre Alfredo	66
Paula	69
Resoluções	72
Infalibilidade	75
Coxas confiantes	77
Com ou sem gás	79
Conspiração	82
Memória e anotações	84
O som da época	86
Abstracionismo	88
A primeira terça	90
Rabanada	92
Neparlepá	94
A primeira pedra	97
Como imaginar uma orgia	99
Os resistentes	101
De areia	103
O que significa orégano	105
O vovô espião	107
“Hélas”	110
A recepção	112
O incrível e o inacreditável	114
Meu valor	116
A outra vida do sr. Antonio	119
O fim	122
Azeitona	124
A visita do marajá	126
GPS	128
Contículos	131
Carinho	134

A teoria do pinto	136
O bum	139
Desconversa	141
O vácuo	144
Recapitulando	146
Criadores	148
Fofo	150
Serenata	152
A ilusão	155
Na ponta da língua	157
Zeloso guardador	159
Os amigos	161
Atenção	164
Vi	166
Assovio	168
Antônio e Luana	170
O Godzilla veio atrás	173
Palavra	175
Elegância	177
Tempo maluco	179
Pelo computador	181
Comparando eras	183
Amor	185
A distância	187
“Adevolve!”	189
Volta e ida	191
Nossa senhora dos destoantes	196
Refinado	198
Filhos	200
 <i>Créditos das crônicas</i>	 203

Apresentação

Passada a ameaça de enfarte que sofremos ao receber o convite da Companhia das Letras para editar uma antologia do Veríssimo, veio o pior de tudo: encontrar uma ideia capaz de nos convencer a escolher “essas” crônicas, e não “aquelas”, se amávamos, igualmente, aquelas, e essas.

Ou seja, o conceito desta antologia.

Parecia uma missão impossível abrir mão de uma crônica que fosse.

A opção “por sorteio” foi descartada, por honestidade. Hávamos sido convidadas exatamente para ter uma ideia que justificasse a escolha de 77 crônicas, entre as incontáveis que tínhamos. E ao escolhermos umas precisávamos “desescolher” outras. E isso ainda tinha que fazer algum sentido.

Que enrascada.

Logo na primeira leitura do material, encontramos, as duas, a preciosidade que nos rendeu a ideia: ali estava a vida, acontecendo, em tempo real, através dos olhos do Veríssimo. O tempo passando, entre 1998 e 2018, fatos, pensamentos, desastres, escândalos, sentimentos, a história de uma época, no Brasil e no

mundo, registrados pelo Verissimo, sua graça, poesia, sua lógica, sua ética.

Muito nos impressionaram as ironias do tempo que, ao passar, faz o que bem entende. Pode mudar radicalmente uma circunstância, de um minuto para o outro. Pode deixar tudo igualzinho, através de décadas. Pode resolver repetir acontecimentos, quando achar mais adequado. E dá voltas e reviravoltas, e o Verissimo, ali, à espreita.

Encontrávamos, por exemplo, numa crônica de 2001, a aflição de um político corrupto que teve o telefone grampeado, o que parece um comentário preciso sobre os dias atuais, enquanto em crônicas mais recentes, vemos tudo mudar: do futebol ouvido no rádio ao replay e ao pay-per-view.

Durante a organização desta antologia, rodeadas de arquivos de computador abertos, pilhas e mais pilhas de crônicas impressas, post its de todas as cores, por toda parte, fomos entendendo que é impossível captar a alma de certas ironias.

Às vezes, até, é melhor deixar passar por coincidência.

Na década de 1930, Erico Verissimo, escritor gaúcho e pai de Luis Fernando Verissimo, trabalhou na *Revista do Globo*, em Porto Alegre, com Augusto de Sousa Júnior, escritor gaúcho e avô de Adriana, bisavô de Isabel.

Na década de 1990, Isabel, ainda criança, se correspondia com seu ídolo Luis Fernando Verissimo (o autor daqueles livros da estante) pelo Correio, Rio de Janeiro/Porto Alegre. Para alegria da menina, ele nunca deixou de responder a uma carta.

Nos últimos vinte anos, Adriana trabalhou com Luis Fernando Verissimo e sua filha Mariana Verissimo, ora coassinando livros ou participando das mesmas coletâneas, ora colaborando em roteiros para televisão e cinema.

Em 2018, Adriana, mãe de Isabel, e Isabel, filha de Adriana, organizamos esta coletânea. Sermos de gerações distintas foi

fundamental para que a visão de tempo de cada uma se acrescentasse.

A gente se divertiu muito.

Tomara que você, leitor ou leitora, também se divirta e se emocione. E se prepare.

Outro dia foram seus pais, hoje é você, amanhã ninguém sabe, e as ironias estão soltas. Tenha um ótimo tempo pela frente.

Adriana e Isabel

Entrega em domicílio

Não sei quando será, mas não deve demorar. O lugar? Qualquer grande cidade brasileira. Noite. É cedo, mas não se veem carros nas ruas nem gente nas calçadas. Só o que se vê são motociclistas. Suas motocicletas têm caixas atrás, para carregar os pedidos. São entregadores. Motoboys. Teleboys. Eles se cruzam nas ruas vazias, em disparada. Como os carros não saem mais à noite, e os motociclistas não os respeitam mesmo, os faróis semafóricos não funcionam. O amarelo fica piscando a noite inteira, e nos cruzamentos a preferência é dos entregadores mais corajosos. Há várias batidas e pelo menos um morto por noite. Mas o número de motociclistas nas ruas não para de crescer.

A população não sai mais de casa. Tudo é pedido pelo telefone. Os restaurantes despediram seus garçons e trocaram por motoboys. Telegarçons. Se você quiser um jantar fino à luz de velas, com vários pratos, sobremesa e vinho, existem serviços de entrega para tudo. Um entrega os pratos finos. Outro a sobremesa. Outro os vinhos. Outro a toalha de linho, os talheres e as flores. E já há um de televelas.

Como as pessoas não saem à noite e ninguém mais vai jantar na

casa de ninguém, há uma cooperativa que se prontifica a mandar os próprios teleboys como convidados a jantares finos. A Telenós. Você especifica o tipo de conversa que quer à mesa — mais ou menos intelectual, divertida, safada, política, variada etc. — e na hora marcada chegam os telecomensais, no número e com o traje que você quiser. Eles comem, conversam, elogiam os anfitriões e vão embora ou, por um adicional, limpam a cozinha.

Como a sociedade passou a depender deles para tudo, é natural que comece a haver distorções criminosas no mundo da entrega em domicílio e teleboys se aproveitem do seu poder para aterrorizar a população. Você abre a porta para o entregador de pizza com a mozzarella pequena que pediu e de repente se vê acossado por um bando de dez, cada um com uma caixa de supercalabresa que você é obrigado a pagar, e ainda dar gorjeta. Não adianta você telefonar para a polícia. A polícia também não sai mais na rua. Existe um serviço de telessocorro que fornece ajuda parapolicial, mas eles não agem contra teleboys. O corporativismo da classe é forte.

Os motoboys dominam a noite e desenvolveram uma cultura própria. Têm seu folclore, seus mitos, seus heróis. Como “Fast Boy” Menezes, que entrega sorvete na mão em qualquer ponto da cidade e você não paga pela parte que derreter. Ou Jorge “Armário” Freitas, que adaptou sua moto para carregar qualquer coisa, bateu seu próprio recorde entregando um piano de cauda numa recepção improvisada — com o banquinho e o pianista — e morreu numa freada brusca, esmagado pela jacuzzi portátil que levava para uma festa gay.

Não sei quando será, mas não deve demorar.